

O baião é construtor da memória musical



Em sua investigação sociológica sobre o baião do poeta musical Luiz Gonzaga – e também de Humberto Teixeira e Zé Dantas –, Elder Maia ilumina um de seus pensamentos principais sobre o gênero. No seu entendimento, foi decisivo seu papel para a formação da identidade nacional, bem como para a definição e consolidação da memória musical brasileira.

O que assegura sua importância no processo de nacionalização dos conteúdos musicais nacionais no intervalo das décadas de 40 a 50, a partir da transmissão e difu-

são da música no Brasil com o surgimento efervescente de rádios e gravadoras no País.

“O baião instaurou uma paisagem sonora nova, facultada e potencializada pela indústria fonográfica, a publicidade e o rádio no decurso do processo de modernização cultural no Brasil. Ao fomentar essa paisagem, corrobora, de modo decisivo, para a circunscrição de um espaço e para definição de uma unidade de significado: o sertão. Potencializa um fluxo simbólico já em curso, mas que, nos anos 40 e 50, alcança o território nacional”, explica o pesquisador.

Para ele, embora seja o baião uma musicalidade rural, é no espaço urbano que se define. E, mesmo a narração desse universo do Nordeste brasileiro já sendo representada por outras linguagens artísticas, como a Literatura e o cinema, e expressões estéticas específicas, passou a narrá-las a partir do registro lúdico, com um lirismo inovador.

“Mais do que traduzir o mundo rural, o baião traduz um mundo rural específico: o interior da região Nordeste, que, paulatinamente, passa a ser o sertão por excelência, a síntese acabada do mundo

rural nacional e dos demais sertões. Foi a expressão artística, posto que, diferente do pouco alcance da Literatura e da incipiência do cinema, que mais fortaleceu a formação de um monopólio de sentido ligado à narrativa de significado do sertão nordestino”, diz.

O que significa que, ao cantar os dissabores e dores do povo sertanejo a partir de novas melodias, combinações rítmicas, dança e linguagem de diversão assentada na tradição da sanfona, triângulo e zabumba – como o baião de Pernambuco – ou incorporando o instrumen-

tal moderno de guitarra e bateria, incorpora também a missão, sim, de tradutor.

Ou seja, “traduz e narra (evidencia, explica, comenta...) a seca, a privação, os rituais, os cantos, o vaqueiro, o gado, as mulheres, os casamentos, os forrós, o cangaço, a religiosidade, os coronéis. Sua instauração consistiu em nacionalizar uma região específica, definindo uma geografia sentimental e uma paisagem sonoro-musical pouco conhecida. É com o baião que o Nordeste se nacionaliza esteticamente”, destaca Elder. E.B.

Gênero definiu geografia sentimental do sertão

Com uma bibliografia que contempla desde teoria sociológica, sociologia da música, biografias, estudos e pesquisas na área das Ciências Humanas e Sociais a visitas a arquivos públicos no Recife e Rio de Janeiro, A sociologia de um gênero: o baião também estimula seu autor a situar o legado de Luiz Gonzaga na identidade nacional atual.

Para o pesquisador, hoje, como qualquer outra expressão artístico-cultural emocionada determinados grupos sociais, instituições culturais, artistas, durante eventos específicos e interesses também específicos. O que atenta para sua maior valorização e apreciação, na sociedade contemporânea pela gente escolarizada das classes médias urbanas.

Elder resume essa questão com outra questão: Quer

ousaria nos tempos atuais, como fizeram universitários e críticos de esquerda nos anos 60, classificar o baião e a obra de Gonzaga como

“O baião instaurou uma paisagem sonora nova, facultada e potencializada pela indústria fonográfica”

ELDER MAIA
Pesquisador

uma criação estritamente comercial? Indaga, ao reforçar a importância do gênero como uma expressão que potencializou outras expres-

“Corroborou, de modo decisivo, para que eventos e processos ocorridos no sertão nordestino, como o cangaço, se tornassem expressões (nesse caso lúdico-musical-performática) legítimas da ruralidade e da identidade nacional e, portanto, sofressem um deslocamento de significado: de epílogo da violência e da anticivilização a um índice reverenciado de tenacidade e ludicidade”.

Conclusões que já começam a aparecer nos três capítulos submetidos à análise da Funarte, em abordagens que caminham por elementos como melodias, ritmos e instrumentos musicais, pelos símbolos para a formação da memória lúdica do baião até chegar ao processo de nacionalização da musicalidade brasileira nos tais anos de ouro de 40 e 50. E.B.

